

Notícia prática e carta administrativa: testemunhos gráficos no governo de Rodrigo Cesar de Menezes (1721-1728)

*Practice news and administrative letter: graphic
testimonies in the government of Rodrigo Cesar de Menezes
(1721-1728)*

Phablo Roberto Marchis Fachin*

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: Este artigo apresenta o cotejo da análise de dois documentos setecentistas, a *Notícia 6a prática e relação verdadeira da derrota e viagem que fez da cidade de São Paulo para as minas do Cuiabá o excelentíssimo senhor Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão general da capitania de São Paulo e suas minas descobertas no tempo do seu governo, e nele mesmo estabelecidas*, e uma carta enviada a D. João V sobre o mesmo conteúdo. Trata-se de estudo filológico que objetiva produzir fontes fidedignas para estudos sobre o português e demonstrar como profissionais de escrita testemunhavam graficamente o português setecentista nas espécies documentais em questão.

Palavras-chave: Filologia portuguesa. Edição de manuscritos. História da língua portuguesa.

Abstract: This article present the comparison of analysis of two eighteenth-century documents, the *Notícia 6a prática e relação verdadeira da derrota e viagem que fez da cidade de São Paulo para as minas do Cuiabá o excelentíssimo senhor Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão general da capitania de São Paulo e suas minas descobertas no tempo do seu governo, e nele mesmo estabelecidas* and an administrative letter sent to D. João V, on the same content. It is a philological study that aims to produce reliable resources for studies on the area and to demonstrate how writing professionals graphically witnessed the Portuguese language from the eighteenth century in different documentary species.

Keywords: Portuguese Philology. Editing of manuscripts. History of the Portuguese language.

* Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: phablo@usp.br.

1 INTRODUÇÃO

Com o objetivo de verificar como o contexto de produção e circulação de manuscritos no Brasil Colonial pode contribuir para o estudo das práticas de escrita dos escribas da época e, de certa forma, para os estudos sobre a história da língua portuguesa, neste texto, apresenta-se o cotejo da análise de dois documentos setecentistas, cada qual com dois testemunhos manuscritos. Trata-se de estudo filológico que objetiva produzir fontes fidedignas para estudos linguísticos e demonstrar como profissionais de escrita testemunhavam graficamente o português setecentista em diferentes perspectivas e espécies documentais¹.

Dois dos quatro testemunhos referem-se a cópias de documento intitulado *Notícia da prática e relação verdadeira da derrota e viagem que fez da cidade de São Paulo para as minas do Cuiabá o excelentíssimo senhor Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão general da capitania de São Paulo e suas minas descobertas no tempo do seu governo, e nele mesmo estabelecidas*. O original, não localizado, estava datado, provavelmente, de Cuiabá, em 1.º de fevereiro de 1727, com atribuição material ao secretário de governo Gervasio Leyte Rebello. As cópias foram escritas por punhos diferentes e estão localizadas em códice eborense português, constante da Biblioteca Pública de Évora. O terceiro e o quarto testemunhos são versões de uma carta enviada a D. João V, com a mesma matéria e atribuição de autoria da Notícia Sexta Prática. Escrita em torno de um mês após o original do primeiro, as duas versões possuem extensão e estrutura muito parecidas. O conteúdo e o tipo caligráfico são os mesmos, embora possuam diferenças gráficas. Ambas estão assinadas por Rodrigo Cesar de Menezes, com indicação de sua produção material² por Gervasio Leyte Rebello.

Por se tratar de documentos contíguos, com contexto de produção e esfera administrativa adjuntas, representam testemunhos históricos importantíssimos

1 Espécie documental é a configuração que assume um documento de acordo com a disposição e a natureza das informações nele contidas (Camargo, Bellotto, 1996). A espécie documental diplomática é aquela que obedece a fórmulas convencionadas, em geral estabelecidas pelo Direito Administrativo ou Notarial.

2 “Característica essencial desse tipo de documentação manuscrita refere-se à sua autoria e à sua forma de transmissão. Nesse contexto, várias possibilidades estão em jogo: manuscritos escritos pela mão do próprio autor (autor material e intelectual); acompanhados pelo autor intelectual, mas pela mão de terceiros (autores materiais); reproduzidos, mais ou menos integralmente, por cópias. Consequentemente, nem sempre a datação, assim como a assinatura do documento e os dados gráficos ali presentes, correspondiam realmente ao seu contexto de produção” (Fachin, 2014, p. 221).

da elaboração gráfica dos escribas da época. Suas particularidades sintetizam, de certa forma, o *modo de escrever*³ desse pequeno grupo da sociedade, no governo da capitania de São Paulo por Rodrigo Cesar de Menezes (1721-1728), cuja a escrita fazia parte de suas funções, resultado, entre outros fatores, da alfabetização que tiveram e do cargo que ocupavam, principalmente no caso de escrivães, tabeliães e secretários.

O cotejo apresentado permite identificar familiaridades na escrita dos escribas envolvidos na produção documental em questão. No caso das cópias e versões, a identificação das modificações oriundas da sua reprodução, derivadas do conhecimento linguístico do copista e do seu respeito, ou não, ao documento que serviu de base para o seu trabalho. Evidencia-se que cada texto deva ser analisado do ponto de vista de sua história de produção e transmissão, assim como da sua autoria material e intelectual.

2 A NOTÍCIA SEXTA PRÁTICA E A CARTA ENVIADA A D. JOÃO V RELATANDO A VIAGEM ÀS MINAS DE CUIABÁ

O códice CXVI 1-15 da Biblioteca Pública de Évora conserva oito manuscritos do século XVIII, sob o título *Notícias práticas das viagens para as minas de Goiás e do Cuiabá*. No mesmo códice, as oito notícias aparecem duas vezes, por grafia e punhos diferentes. A Notícia Sexta Prática é a relação oficial da expedição do governador Rodrigo Cezar de Menezes às minas de Cuiabá, descobertas no tempo do seu governo, e durante ele estabelecidas. Apresenta-se a parte inicial dos dois testemunhos, por meio de edição semidiplomática⁴, e as imagens manuscritas da sua abertura no códice.

3 “Todo manuscrito põe diante dos olhos do leitor um conjunto de características que revelam o nível de conhecimento da língua utilizada por quem o produziu, o que está intrinsecamente associado ao grau de domínio do ato de escrever nessa língua. A esse conjunto, concisa expressão latina, com muita precisão, designa como *usus scribendi*. Dita em português ‘modo de escrever’ ou ‘hábitos de escrita’, prevalece o aspecto externo da escrita, a letra, sua apresentação, seu grau de legibilidade, se quem a produziu tem costume de escrever, se escreve por profissão, ou se seu manuscrito é eventual. Essa reflexão se faz sobre o *usus scribendi* no sentido latino, enquanto exame do fluxo da escrita como resultado do ato físico de escrever, o qual, por sua vez, revela o grau de domínio da língua em que se escreve, as preferências estilísticas do escriba, além, obviamente, do nível de conhecimento da matéria de que trata o texto” (Megale *et al.*, 2007, p. 128).

4 A edição semidiplomática desses documentos foi produzida de acordo com as “normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil” (Cambraia, Cunha, Megale, 1999, p. 23-26).

Quadro 1 – Trechos iniciais da Notícia Sexta Prática

Notícia 6.^a Prática | E Relaçõ Verdadeyra da derrota, e Viage que fez da Cidade de São Paulo para az | Minas do Cuyabã o Excellentissimo Senhor Rodrigo Cesar de Menezes Governador e Cappitam General | da Capitania de São Paulo, e suas Minas descobertas no tempodoseo Governo, enelle | mesmo estabelicidaz. | 1. | Em 7. de Julho de 1726. Domingo pela menhaã de poiz de ouvir missa no Convento de São | Francisco sahio sua Excellencia | da Cidade de São Paulo acompanhado de alguns Offeciaes de Guerra, [...]

Notícia 6.^a Prática | E Relaçõ Verdadeyra da de rota, e Viage que fez da Cidade | de São Paulo para as minas do Cuyabã o Excellentissimo Senhor Rodrigo Cesar de Menezes, Governador, e Capitam General da Capitania de- | São. Paulo, esuas minas des Cobertas notempo do Seo | governo, enelle mesmo estabelicidaz. | 1 | Em 7 de Julho de 1726. Domingo pela menhaã de- | poiz de ouvir missa no Convento de São Francisco, sahio Sua Excellencia | da Cidade de São Paulo a Companhia de alguns officiaes de- | guerra [...]

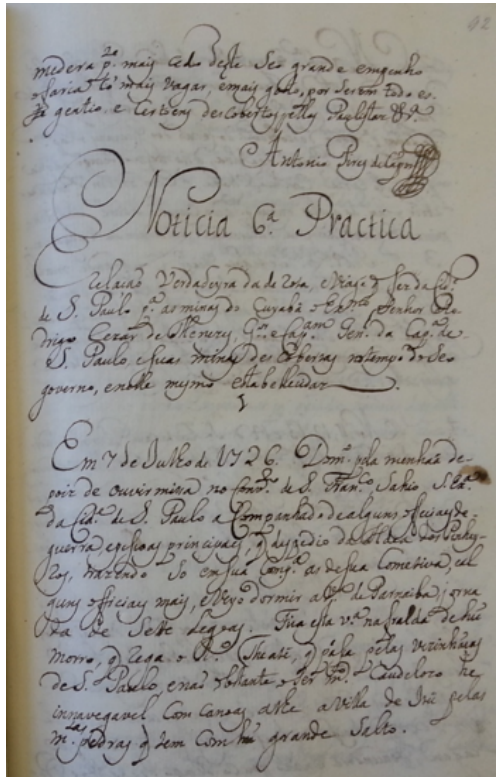
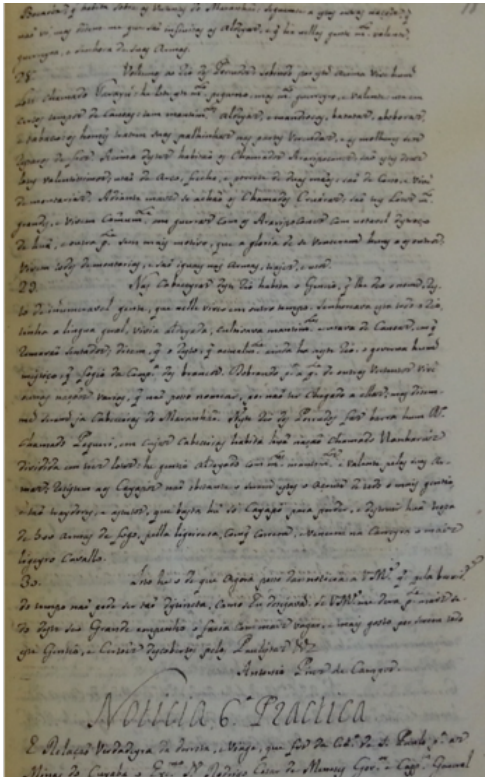


Figura 1 – Abertura da 1.ª versão da notícia

Figura 2 – Abertura da 2.ª versão da notícia

As versões da carta enviada a D. João V estão localizadas no Arquivo Histórico Ultramarino, constantes do catálogo do Projeto Resgate Barão do Rio Branco, datadas de 12 de março de 1727, na Vila Real do Cuiabá. Apresentam-se de modo semelhante, tanto gráfica quanto espacialmente no suporte. Aspectos da escrita como forma, módulo, ângulo, *ductus*, peso e inclinação são quase idênticos. Apenas o espaçamento e a fronteira de algumas palavras rompem com essa identidade, ocasionando diferença no número de palavras por linha do documento. Em seguida, apresentam-se a parte inicial das cartas e as imagens manuscritas da sua abertura.

Quadro 2 – Trechos iniciais da carta

Senhor | Executando arealordemdeVossaMagedade emquefoi | Servido Mandarme passasse aestas Minas, Se | guí viagem Sem embargo dos muitos protestos, | que mefizeraõ as camaras, epovos daCappitania deste | Governo, para que comaSuspensãõ della me Livrasse | dos evidentes perigos, aque meexpunha, porem | como Sô trago diante dos olhos o real Serviço | deVossaMagedade menaõ intimidaraõ aquelles, aında | Constandome Serem mayores doquemeseguravaõ | Cheguei aesteCertaõ gastando quatro mezes | [...]

Senhor | Executando areal ordem deVossaMagedade, emque | foi Servido mandarmepassasse aestas Minas, Se | guí viagem Sem embargo dos muitos protestos, | que mefizeraõ as Camaras, epovos daCappitania| deste Governo, para queComasuspensãõ della meLi- |vrasse dos evidentes perigos, aque meexpunha, po- |rem comoSô trago diante dos olhos o realSer- |viço deVossaMagedade menaõ intimidaraõ aquelleS | aındaConstandome Serem mayores doquemesese | guravaõ. Cheguei aesteCertaõ gastando | quatro mezes | [...]

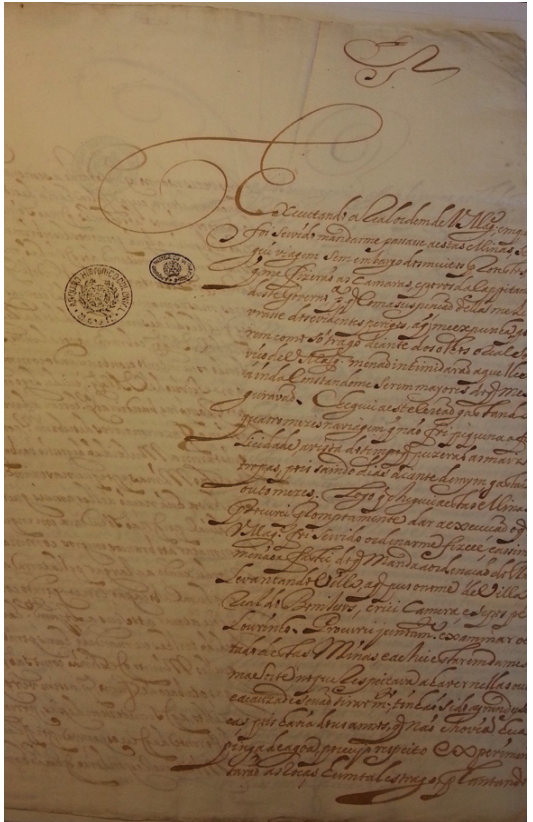
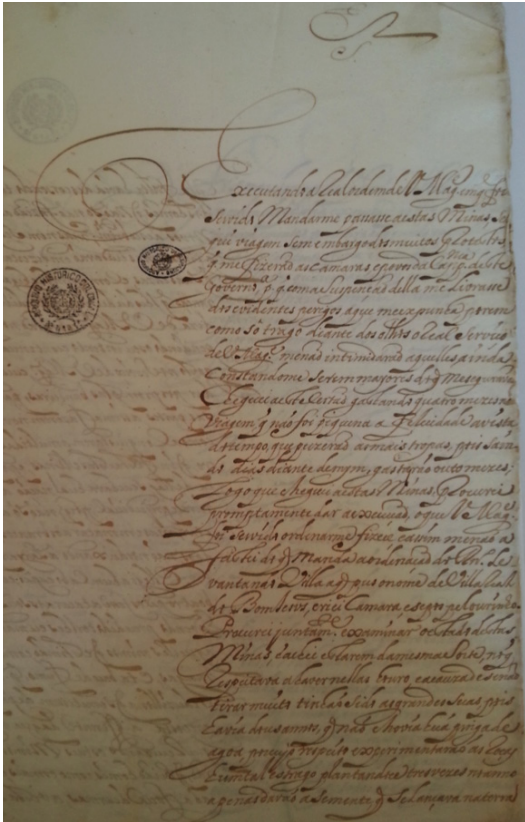


Figura 3 – Abertura da 1.ª versão da carta a D. João V

Figura 4 – Abertura da 2.ª versão da carta a D. João V

Com temática semelhante, apenas de forma mais detalhada na notícia, pode-se dividir ambos os documentos em oito partes de acordo com a matéria tratada: 1) contexto da saída em viagem, 2) tempo de viagem, 3) primeiras ações, 4) causa da pequena retirada de ouro, 5) ações referentes às minas, 6) conflitos, 7) descobertas e 8) perdas. A tabela seguinte resume tais informações, com base no texto da primeira versão da notícia sexta prática.

Quadro 3 – Resumo temático da notícia e da carta, de acordo com a primeira versão da notícia

Contexto da saída em viagem

Se | guí viagem Sem embargodos muitos protestos, | *que* mefizeraõ as camaras, epovos daCappitania deste | Governo, *para que* comaSuspensaõ della me Livrasse | dos evidentes perigos, aque meexpunha, porem | como Sõ trago diante dos olhos o real Serviço | deVossaMagesdade menaõ intimidaraõ aquelles, ainda

Tempo de viagem: 4 meses

Cheguei aesteCertaõ gastando quatro mezes naviagem, *que* não foi piquena afeLicidade, avistado tempoquepuzeraõ as maiz tropoas, pois saíndo dias diante demym, gastaraõ outo mezes

Primeiras ações: levantamento de vilas, criação de câmara, pelourinho; exame das minas, ouro

LevantandoVilla, *aque*pus onome deVilla reaL do BomIesvs, criei Camera, eSepos peLourínho. Procurei juntamente. examínar oestado destas Minas, eachei estaremda mesmaSorte, no~~que~~respeitava a haver nellas ouro

Causa da pequena retirada de ouro: grandes secas

eacauzadeSenaõ tirar muito, tinhaõ Sido as grandes Secas, pois havia dous annos, *quenaõ* chovia hua pinga deagoa, porcujo respeito experimen taraõ as roças humtal estrago plantando || 1v. || ce tres vezes noanno apenas davaõ asemente

Ações referentes às minas: bandeiras, conquistas de gentio bárbaro

com aminha chegada, ecom as esperanças *que* lhes dei deserem attendidos dareal grandezadeVossaMagesdade cobraraõ novos alentos, Suspendendo oseu intento continuandocom muitogosto noServiço deVossaMagesdade, cuidei Logo em mandar porpromptas, bandeiras, para hirem adiversas partes assíma afazerem novos descobrimentos como aconquistarem aMultidaõ degentío barbaro~~que~~infesta estas Minas

Conflitos: ataque a uma nação de gentio bárbaro

navezinhança dellas Seachava hua nação delles, amais guerreira, eprejudicial, porque não só cuidava em inquietar, mas em matar aos brancos, enegros comendoos, não nos deixando alargar pela terra dentro, ellegi ahum Cabo capês, incorporado com boatropa os foce atacar aos Seus alojamentos

Descobertas: novo descobrimento de ouro

E também fis novo descobrimento de ouro em distâncias de tres dias destas Minas, e agora mando examinar com vagar Setem conta, que pelas boas disposições do terreno segura os Certanistas mineiros, que será útil.

Perdas: falecimentos, canoas, viveres, alimentos

Nesta Monção em que vim, compoñdose armada de trezentas, e oitenta canoas, chegaram entre brancos, enegros tres mil pessoas, havendo fallecido muitas afogadas, e perdidas varias canoas porcauzada smuitas cachoeiras, que temem sy todos os rios, e pela furioza correnteza delles houve ||2v.|| bastantes perdas, tambem de fazenda, que geral mente chegou a todos, e eu perdi sem se poderem salvar, nem os remos, huã carregada com víveres desse Reino

3 RODRIGO CESAR DE MENEZES E GERVASIO LEYTE DE REBELLO

Data de primeiro de abril de 1721 a carta patente do Excelentíssimo Senhor Rodrigo Cesar de Menezes para o cargo de capitão e governador general da capitania de São Paulo. D. João, em respeito aos merecimentos, qualidades e serviços de Menezes, realizados no espaço de dezoito anos, oito meses e três dias, entre primeiro de outubro de 1701 e vinte e sete de julho de 1719, e certo de que tudo que lhe fosse interrogado corresponderia conforme a confiança de sua pessoa, houve por bem fazer-lhe a mercê do cargo em questão, para que o servisse pelo tempo de três anos e o mais enquanto não lhe mandasse sucessor. O seu mandato acabou durando até o ano de 1728, com Menezes sendo encaminhado para a África. O governador vinha da praça de soldados e ocupava o cargo de coronel e brigadeiro de infantaria, antes os de alferes de mestre de campo,

capitão de infantaria e de cavalos. Na carta patente, o rei destaca sua trajetória e conquistas militares. Era alguém propício para o cargo e para o contexto paulista que enfrentaria no Brasil⁵.

Com a separação da capitania de Minas e a indicação de Menezes à de São Paulo, D. João considerou conveniente criar o cargo de secretário do novo governo e para ocupá-lo procurou indicar alguém que já tivesse experiência. Gervasio Leyte Rebello foi o escolhido, provavelmente por ter ocupado o cargo por cinco anos, um mês e nove dias, com notória satisfação no Estado do Maranhão e “limpeza de mãos”, conforme consta da sua provisão⁶, reformando e fazendo livros, registrando leis, produzindo cartas e regimentos. Sua indicação consta de documento datado de nove de março de 1721, em que D. João houve por bem fazer-lhe a mercê do cargo de secretário do novo governo de São Paulo, para que servisse por tempo de três anos e o mais enquanto não lhe mandasse sucessor. No mesmo documento, o rei manda que o governador Menezes dê posse a Rebello.

4 ASPECTOS GRÁFICOS DOS DOCUMENTOS

Não se sabe ao certo em que circunstâncias os documentos que compõem o *corpus* deste artigo foram produzidos, nem em que conjunturas foram copiados. As informações a esse respeito ainda são muito escassas. No caso das notícias, por exemplo, de acordo com Presotti (2008, p. 135), “podem ser consideradas as primeiras narrativas manuscritas sobre a conquista colonial da parte central da América do Sul na era setecentista, coletadas no calor dos tempos da conquista”. As informações existentes as relacionam ao jesuíta Diogo Soares, nascido em Lisboa no ano de 1684 e pertencente à Companhia de Jesus desde 1701. Com a necessidade de ampliar o conhecimento geográfico para realizar as medições de

5 “Patente do Ex.^{mo} Snr’ Rodrigo Cezar de Menezes G.^{or} e Capp.^m G.^{al} desta Capitania de S. Paulo”. In: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo – Patentes, sesmarias, correspondência oficial – 1721-1738. Vol. XXXVIII. São Paulo: Archivo do Estado de S. Paulo / Typographia da Industrial de São Paulo, 1902. p. 3-8.

6 “Provisão do secretário deste Governo Gervazio Leite Rebello”. In: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Publicação Oficial de Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo – Patentes, sesmarias, correspondência oficial – 1721-1738. Vol. XXXVIII. São Paulo: Archivo do Estado de S. Paulo / Typographia da Industrial de São Paulo, 1902. p. 9-11.

terras e posses luso-brasileiras na época, viu-se crescer a importância da presença dos padres jesuítas matemáticos e cartógrafos na América portuguesa. Diogo Soares provavelmente era um deles (Presotti, 2008).

Também não se possui informação sobre os copistas das versões da notícia, podendo incluir entre eles o próprio jesuíta. As cópias do relato de viagem, como já esperado, não foram totalmente fidedignas ao original, ou ao texto que serviu de base, já que entre elas há diferenças gráficas que as distanciam do hábito de escrita identificado em documentos produzidos pelo seu autor material, o secretário Gervasio Leyte de Rebello.

No caso das cartas, o espaço de produção dos manuscritos não era um *scriptorium* ou a corte, mas estabelecimentos da esfera administrativa colonial, relacionados aos cargos dos autores responsáveis pela elaboração desse material: escrivães, padres, tabeliães, juizes, capitães e governadores, médicos, sargentos-mores, secretários, etc. Pela diversidade de ofícios, infere-se que tal ambiente não era tão propício para a geração de generalizações gráficas, pois se agrupavam pessoas de várias regiões, de distintos níveis sociais e escalas hierárquicas, em diferentes espaços de produção. Em meio a esse contexto, na análise dos documentos em questão, destaca-se ainda mais a descoberta de procedimentos gráficos sistemáticos na escrita de tais agentes.

4.1 A escrita nos testemunhos da Notícia Sexta Prática

Os testemunhos da notícia, provavelmente sob responsabilidade de quem possuía determinada habilidade gráfica, pela importância do documento para o seu contexto de cópia, apresentam uma escrita que tem como principais características a cursividade e a individualidade gráfica, consequência da flexibilidade gerada pelo instrumento de escrita no correr do punho sobre o suporte, o que proporciona o seu aspecto corrente. Com formas e traços bastante variados e numerosas ligaduras de acordo com a habilidade do escriba, a inclinação de seu traçado à direita, o seu aspecto corrente com ângulos variáveis, a sua cursividade e a forma de algumas letras, por exemplo, circundam as particularidades da escrita do período abrangido por esse documento. O resultado gráfico transmite a impressão de que as cópias foram realizadas por pessoas que, possivelmente, lidavam com a escrita no âmbito das funções de seu cargo e dominavam, mesmo que razoavelmente, a estrutura diplomática do tipo de documento e um conjunto de abreviaturas. Esse fato, porém, não evitou, em alguns casos, a ocorrência de hesitações, relacionadas, principalmente, a alternâncias <e>/<i>, <a>/<e>, <o>/<u>, <i>/<y>, <s>/<c>, <s>/<ss>, <s>/<z>, ao uso de consoantes geminadas, uso de <h> em diferentes contextos etc.

Na primeira versão da Notícia Sexta Prática, localizada entre as folhas 18 e 25 do códice, a grafia das vogais apresenta oscilação em alguns grupos de palavras, entre eles: *caldeyroens* (1) / *caldeyroēs* (1) / *caldeyroës* (1) / *caldeyroiz̃* (1), *manbaã* (9) / *menbaã* (8), *offeciaes* (1) / *officiaes* (2) e *parnayba* (1) / *pernayba* (1). Ainda se destaca o registro de alguns vocábulos quanto às vogais nos seguintes casos: *pantanaes* (1), *pantanaez̃* (2), *pricipaes* (1), *pricipaez̃* (2), *vesinbo* (2), *estabellidicaez̃* (1), *recolbeo* (1), *sacodio* (1), *sabio* (4), *seguio* (11), *seo* (2), *sobindoo* (1), *sotil* (1).

A terminação nasal *-ão*, nos verbos, principalmente, apresenta predomínio nas escolhas do escriba, mas há também registros oscilantes nesse caso, como pode ser observado nos exemplos: *levaram* (1) / *levaraõ* (2), *acharam* (1) / *acharaõ* (1), *fiseram* (1) / *fiseraõ* (2) / *fizeraõ* (1), *lançaram* (1) / *lançaraõ* (1), *passaram* (1) / *passaraõ* (13). Sem par oscilante, aparecem os seguintes verbos: *andavam* (1), *arrombam* (1), *contaram* (1). Destacam-se ainda as ocorrências de *levarõ* (1) e *andarõ* (1). Apresenta-se também oscilante, fora do contexto verbal, o grupo *tam* (1) / *taõ* (1).

Quanto às consoantes, as oscilações encontradas foram no registro dos grafemas⁷ duplos e os utilizados na representação das sibilantes: <c>, <ç>, <s>, <ss>, <z>. No primeiro caso, com os seguintes exemplos: *sucesso* (1) / *sucesso* (2), *callor* (1) / *calor* (1) / *calores* (6), *pela* (19) / *pelas* (22) / *pelaz̃* (4) / *pella* (3) / *pellas* (1), *vila* (5) / *villa* (5). No segundo: *proseguio* (5) / *prosseguio* (1) / *proseguiose* (1), *caudeloso* (3) / *caudeloz̃o* (2) / *cauedeloso* (1), *causa* (4) / *cauz̃a* (4) / *cauz̃araõ* (1) / *cauz̃ou* (1), *correntesa* (1) / *correntesas* (9) / *correntesaz̃* (2) / *correntez̃a* (1) / *correntez̃as* (8), *meneses* (1) / *menesez̃* (1).

Na segunda versão da Notícia Sexta Prática, localizada entre as páginas 92 e 106 do códice, a grafia das vogais apresenta oscilação no grupo de palavras *manbaã* (2), / *menba* (1), *menbaã* (8), *menbã* (5), *menbãa* (1); *offeciaes* (1) / *officiaes* (1); *pantanaes* (1), *pantanaez̃* (1) / *pantanais* (1); *muita* (3), *muitas* (15), *muito* (14), *muitos* (8) / *muytas* (1), *muytos* (1); *parnaiba* (1) / *pernaiba* (1). Semelhante à situação da primeira versão, ainda se destaca o registro de alguns vocábulos quanto às alternâncias de vogais nos seguintes casos: *intendendose* (1), *vezinhãças* (1), *vezinbo* (2), *socego* (1), *socorro* (1), *soportar* (1), *sostentando* (1), *sostento* (1), *sotil* (1).

⁷ O termo *grafema* é utilizado de acordo com Catach (1996, p. 144): “a menor unidade distintiva e/ou significativa da cadeia escrita, composta de uma letra, de um grupo de letras (digrama, trigrama), de uma letra acentuada ou provida de um sinal auxiliar, tendo uma referência fônica e/ou sêmica na cadeia falada. De acordo com Gonçalves (1992, p. 22), “fonema e grafema situam-se, pois, num plano de ordem sistemática e funcional, podendo ter, aquando das suas respectivas concretizações ou realizações, vários alófonos e alógrafos”.

A terminação nasal –ão, nos verbos principalmente, é predominante nas escolhas do escriba, mas há também registros oscilantes nesse caso, como pode ser observado nos exemplos: *passaram* (8) / *passaraõ* (5); *sam* (6) / *saõ* (6). Sem par oscilante aparecem os seguintes verbos: *recusaram* (1), *secaram* (1). Apresenta-se também oscilante, fora do contexto verbal, o grupo *tam* (8) / *taõ* (5).

Quanto ao uso de consoantes na segunda versão, as oscilações também foram encontradas no registro dos grafemas duplos, e nos utilizados na representação das sibilantes: <c>, <ç>, <s>, <ss>, <z>. No primeiro caso, com as seguintes ocorrências: *sabado* (1) / *sabbado* (4); *noute* (14) / *noutte* (1); *pela* (18) / *pelas* (27) / *pellas* (2); *pello* (1) / *pele* (15) / *pelos* (2); *vila* (5) / *villa* (6). No segundo caso, os seguintes: *pasage* (1) / *passage* (2) / *passagês* (1); *matris* (1) / *matriz* (1); *pedras* (13) / *pedraz* (1); *tres* (14) / *trez* (2). Destacam-se ainda, no contexto alternante de sibilantes, as ocorrências de: *pacandose* (1), *paçado* (3), *paçando* (1), *paçandose* (1), *paçar* (1), *paçaraõ* (2), *preça* (2), *valece* (1), *pacandose* (1), *paçado* (3), *paçando* (1), *paçandose* (1), *paçar* (1), *paçaraõ* (2), *preça* (2), *valece* (1).

4.2 A escrita nos testemunhos da carta a D. João V

Em relação à carta enviada a D. João V, as informações do próprio catálogo de documentos do Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”, referentes aos manuscritos localizados no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, dão conta de que existe uma segunda via, como pode ser constatado pela imagem seguinte.

9. 1727, Março, 12, Vila de Cuiabá
CARTA do [Governador e Capitão General da Capitania de São Paulo] Rodrigo César de Menezes ao rei [D. João V] em que dá conta da jornada que fez às novas Minas.
 Anexo: 2ª via
 CTA-AHU-MATO GROSSO, cx 1, doc 9
 CT-AHU-ACL-CU-010, CX 1, DOC 9

Figura 5 – Informações sobre as cartas, constantes do catálogo do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa

O secretário Gervasio Leyte de Rebello, responsável por grande parte da produção documental do governador Menezes, possuía habilidade gráfica, domínio de fórmulas diplomáticas e provavelmente já havia escrito muitas cartas

ao rei. O hábito e a experiência podem ter causado um feito equalizador, que resultou em escolhas gráficas semelhantes, independentemente do documento ou do destinatário. O estudo do contexto de produção e circulação desses diversos documentos poderá revelar esse fato e constituir um quadro com as particularidades da escrita administrativa colonial do governo em questão e contribuir para os estudos históricos sobre a língua portuguesa.

Talvez por apresentarem menor extensão, estrutura mais determinada⁸ e fazerem parte de um contexto de produção mais rígido, principalmente em relação à esfera administrativa e ao destinatário, no caso o próprio rei, as versões da carta apresentam menos irregularidade, embora contenham alguns vocábulos em que as escolhas do escriba revelam hesitação no registro de determinados grafemas.

Quanto às vogais, na primeira versão, as oscilações encontradas se resumem a um único grupo: *diligencia* (1) / *delligencia* (1). Destacam-se ainda as ocorrências: *felecidade* (1), *admenistração* (1), *dispeço* (1). Quanto às consoantes, chamam a atenção os exemplos de *compondosse* (1), *fixee* (1), no registro de sibilantes, e os seguintes em relação às geminadas: *aquelle* (1), *aquelles* (2), *della* (1), *dellas* (2), *delle* (1), *delles* (2), *elles* (2), *estilla* (1), *Ellegi* (1), *falle* (1).

Na segunda versão da carta, já aparecem os seguintes casos quanto às vogais: *pàquena* (1), *diligencia* (1) / *diligencia* (1), *vezinbança* (1), *Sogeitos* (1), *Camaras* (1), *Camera* (1). Quanto às consoantes: *recolhendosse* (1), *plantandoce* (1), *foce* (1), no registro das sibilantes, e *aquelles* (1), *aquelles* (1), *aqueLe* (1), *atendendo* (1), *attendidos* (1), no de consoantes geminadas.

4.3 A grafia dos documentos no contexto histórico do português

De acordo com Castro (1991, p. 256), em relação à evolução do português até o século XVIII, alguns dos elementos da estrutura fonológica portuguesa que sofreram mudança durante esse período foram: os ditongos *ou* /ow/ e *ei* /ej/, a africada palatal surda /tʃ/, as fricativas /s/ e /z/ e as vogais não acentuadas médias ou baixas. Trata-se de fenômenos da oralidade, muitas vezes evidentes na escrita devido à confusão gráfica decorrente de tais transformações, não só no período em que ocorreram, mas também posteriormente à sua concretização.

8 Segundo Bellotto (2002, p. 51-52), carta é documento não-diplomático, mas de desenho mais ou menos padronizado, informativo, ascendente, descendente, horizontal, conforme o caso, geralmente com a seguinte estrutura: Protocolo inicial: datas tópica e cronológica. Endereçamento. Direção. Texto: paragrafado, com a exposição e o objetivo da carta. Protocolo final: fecho de cortesia, assinatura, nome e cargo do signatário. As cartas em questão apresentam estrutura semelhante.

No que concerne aos principais casos de oscilação nos documentos analisados neste artigo, referentes a grafemas que representam elementos vocálicos, sibilantes, terminações do ditongo nasal e consoantes geminadas, observa-se, por um lado, um resultado ocasionado por modificações na língua em período mais remoto do português, como as terminações e geminadas; por outro, de casos que envolvem fenômenos que, embora iniciados antes do século XVIII, ainda chamavam a atenção de gramáticos e ortógrafos da época em relação à dificuldade de registro gráfico, como o vocalismo e sibilantes, “constituindo uma preocupação para ortógrafos e professores de primeiras letras. Camilo Castelo Branco, como mostra nos autógrafos, ainda não tinha aprendido as distinções ortográficas pertinentes” (Castro, 2006, p. 191). Trata-se, portanto, de fenômenos que em setecentos ainda eram causa de variação gráfica na representação dos elementos sonoros e gráficos.

Sobre os casos que envolvem oscilações no registro de vogais, tal fato pode estar relacionado tanto a procedimentos gráficos associados a hábitos de escrita dos escribas do *corpus*, quanto a variações com correlatos na oralidade, na opinião de Teyssier (1980, p. 47), “um dos pontos mais importantes, mas também dos mais obscuros, da história do português”. De acordo com Castro (2006, p. 194), na vertente europeia da língua portuguesa, as vogais não acentuadas, médias ou baixas, elevaram-se em posição pretônica medial e, na brasileira, conservaram-se não elevadas. Fato defendido por Teyssier (1980, p. 80-81) quando declara que “em posição pretônica, o ‘brasileiro’ conservou o antigo timbre de *e* e *a*, dizendo *pegar* [e] e *morar* com [o]”. Castro (2006, p. 195), com base em Marquilhas (2000), também chama a atenção para a complexidade desse assunto e conclui o seguinte: “estamos, pois, diante de um problema que merece mais estudo”. Entre ortógrafos do XVIII, o assunto também gerava polêmica e ainda era causa de divergências tanto na vertente oral quanto na escrita da língua portuguesa. Feijó (1734, p. 144), ortógrafo do XVIII, relata em sua obra a dificuldade causada por esse aspecto: “Mas esta, que no principio me pareceo a parte mais fácil de toda a Orthografia, veyo a sahir a mais difficultosa, porque examinando bem a impreza, a que me levava o desejo da utilidade publica, vi que era preciso ponderar etymologias, observar analogias, e seguir derivaçoens [...]”.

Quanto às sibilantes, a variedade de elementos gráficos para representar um número reduzido de sons devido ao processo de simplificação ocorrido, e que será tratado em detalhes na próxima parte deste texto, provavelmente é a causa da flutuação na escrita em relação a esse fenômeno. Monte Carmelo (1767, p. 400) afirma que no século XVIII havia dúvida quanto ao uso do *r* e do *s*. A causa

do equívoco seria, segundo o autor, a ignorância de alguns escribas ou mesmo a incúria dos pais e mestres. Entre gramáticos históricos, Nunes (1951, p. 192) faz referência à confusão no modo de escrever os nomes com tais grafemas e a relaciona com o desaparecimento da distinção entre *s* e *ç*. Se no século XVII, de acordo com Castro (2006, p. 209), “a língua falada nos ambientes mais cultos e citadinos perdera completamente a distinção entre apicais e predorsais, de modo que as grafias dos dois tipos de sibilante se confundem com grande facilidade”, no XVIII, apesar das muitas publicações de ortografias e manuais de *como se escrever com acerto*, o cenário não deveria ser muito diferente, já que as divergências continuaram a existir, pelo visto em contexto de escrita luso-brasileiro também.

Especificamente sobre a questão das nasais, Castro (1991) relata que, entre as mudanças linguísticas que terminaram à entrada do século XVI no plano fônico, estavam a uniformização das nasais finais <–ã>, <–õ> no ditongo nasal /–ão/. Cardeira (2005, 2010), em estudo de documentação dos séculos XIV, XV e XVI, verificou que, entre 1375 e 1475, a oscilação gráfica e a adoção de grafias não-etimológicas apresentam um claro crescimento, que atesta a inclinação para a convergência. Isso indica que, embora houvesse oscilação, a representação em questão já se referia ao ditongo nasal /–ão/.

A respeito das geminadas, pode-se ainda dar “um pesado contributo para a complexidade do sistema ortográfico” (Gonçalves, 1992, p. 82). Podendo ser dobrado devido à natureza das palavras, derivação, significação nos diminutivos, corrupções por nomes, variação ou por composição (Figueiredo, 1722, p. 69), as escolhas gráficas dos escribas podem revelar muito a respeito da sua prática de escrita num período em que o critério etimológico estava em alta entre ortógrafos. De acordo com Nunes (1951, p. 113), “Na sua passagem para português estas consoantes reduzem-se a simples, com exceção dos grupos formados por *r* ou *ç*, que continuam a persistir, mas só na escrita, pois que na fala constituem um som igualmente simples [...]”⁹.

9 Mattoso Camara Jr. (1979, p. 50) afirma que “simplificaram-se as consoantes geminadas sem deixar vestígio. Apenas /rr/, perdida a articulação geminada embora, manteve-se distinto /r/ simples intervocálico, que sofreu lenização e se tornou o chamado /r/ brando, enquanto /rr/, como /r/ inicial ou, pelo menos, não intervocálico, mantinha uma articulação ‘forte’, de vibração múltipla”. Coutinho (1976, p. 120-121) também relata esse fato: “As consoantes geminadas latinas, no interior das palavras, reduzem-se a consoantes simples, em português. Esta simplificação, porém, já se havia operado no próprio latim vulgar. São frequentes, em inscrições, exemplos como *mīle*, *anus*, *eficax*, *sufragium*, *cotidie*, *ocidere* etc. Só não se simplificam –rr- e –ss-, porque têm valor diferente”.

O estudo desses fenômenos, portanto, ao mesmo tempo que contribui para o conhecimento da escrita setecentista presente no *corpus*, amplia a consciência a respeito de matéria tão intrincada para a história da língua portuguesa, como é a sua (orto)grafia.

4.4 Comparação entre as tendências gráficas da notícia e da carta

Depois de os documentos serem lidos e editados de forma conservadora, foram listados os vocábulos com maior número de oscilação ou uso de grafemas que se distanciavam das escolhas gráficas do escriba à época do documento ou do sistema de escrita atual. O fenômeno com maior destaque foi a representação gráfica das sibilantes, aspecto que será utilizado nesta parte para comparar o uso que se fazia da escrita nos documentos em questão.

Nos manuscritos analisados, os grafemas simples <s>, <c>, <ç>, <x>, <z> e os complexos <sc>, <ss> são utilizados na representação gráfica das sibilantes surdas e sonoras. Tais grafemas apresentam diferentes formas e módulos, com implicações gráficas e valores fônicos evidenciados pelo modo como são utilizados. O uso equivalente desses grafemas na representação das sibilantes e até mesmo a flutuação gráfica a esse respeito provavelmente são resquícios do processo de simplificação do seu sistema, iniciado muito antes.

Na vertente falada da língua portuguesa, as sibilantes sofreram um processo de simplificação que reduziu os dois pares existentes de fonemas: predorsodontais, /s/, /z/, representados na escrita por <c>, <ç>, <z>, e áptico-alveolares, /s̺/, /z̺/, representados por <s>, <ss>, a um único par, /s/ e /z/ (Teyssier, 1980, p. 60). Na escrita, os grafemas para representá-las não passaram pelo mesmo processo, uma vez que há níveis de independência entre as duas vertentes, escrita e falada, e uma não evolui na mesma proporção que a outra. Além disso, critérios históricos e etimológicos seriam justificativas para evitar tal simplificação posteriormente, quando começaram a desenvolver as bases para uma ortografia oficial da língua portuguesa, como pode ser observado em Viana (1904, p. 111): “esta simplificação, além de ter de abranger grandíssimo número de palavras, e de ser historicamente falsa, tornaria a escrita incapaz de representar a pronúncia antiga e a de Trás-os-Montes, por exemplo, na qual ainda perdura a distinção de ç e s, e a de x e s medial”.

Em obras do século XVIII e posteriores, encontram-se com facilidade afirmações que evidenciam diferenças contextuais e de realização desses grafemas. De acordo com Caetano de Lima (1736, p. 100), por exemplo, o

<s>, no princípio das palavras, era pronunciado com demasiada força como se fora <c> ou <ss> e, no meio, com tanta suavidade como se fora <z>. Já para Madureira Feijó (1734, p. 44), “os sons destas duas letras não se equivocão, e nós somos os que erramos a nesta pronunçiação, e por isso duvidamos; porque se escrevermos como naturalmente pronunçiamos, diremos com acerto”. Para Said Ali (1965, p. 49), “em português antigo havia dous fonemas parecidos, porém não idênticos, representados um por *s* ou *ss*, e outro por *ç* ou *ç*”. Para o autor, qualquer que fosse a causa da primitiva distinção entre as referidas letras, *s* ou *ss* (entre vogais) e *ç* ou *ç* (antes de *e* ou *i*), representavam, em português moderno, um só fonema, a sibilante surda.

Gonçalves (2003, p. 108-109), ao tratar de *grafemas e consonantismo no contexto das ideias ortográficas no século XVIII*, mais especificamente quanto à representação das sibilantes, chama a atenção para a dificuldade em distinguir contextos de uso de grafemas e suas variantes, e cita os casos de <c> e <ç> associados à homofonia com <ss> que, segundo a autora (p. 108-109), foi “problema bem ilustrado nos textos metaortográficos de todas as épocas”.

O alcance dessas obras no Brasil Colônia não está documentado claramente, portanto não se sabe ao certo o quanto teriam influenciado a escrita dos escribas setecentistas, principalmente os responsáveis pelos manuscritos do *corpus*. Os casos oscilantes testemunham como isso ocorria e possibilitam identificar escolhas gráficas predominantes em caso de hesitação, isto é, evidenciam as estratégias grafemáticas utilizadas na solução de questões (orto)gráficas.

Por meio dos gráficos a seguir, é possível observar a distribuição de grafemas utilizados na representação das sibilantes nas duas versões da Notícia Sexta Prática, com casos de oscilação. É importante destacar que não se pretende fazer um trabalho quantitativo em que se esgota a busca de ocorrências e se utilizam os dados para argumentos estatísticos. Trata-se apenas de um levantamento para ilustrar comportamentos gráficos e tendências entre os escribas relacionados ao processo em questão, para facilitar a visualização dos caminhos da escrita nos documentos e punhos estudados.

Gráfico 1 – Percentual de oscilação de grafemas sibilantes na 1.^a versão da Notícia Sexta Prática

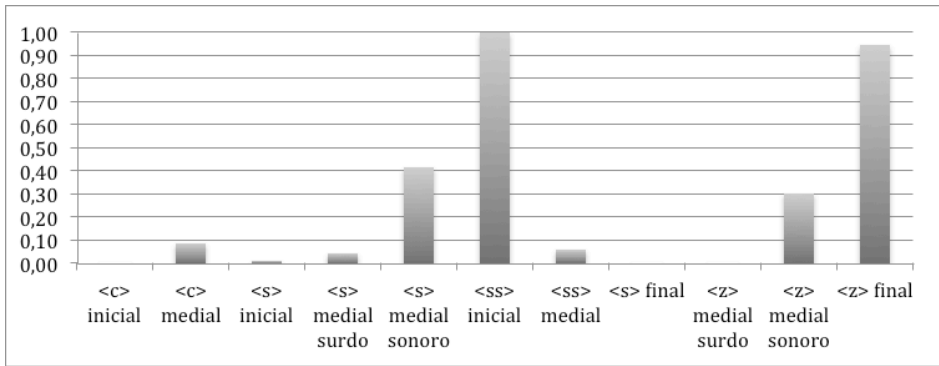
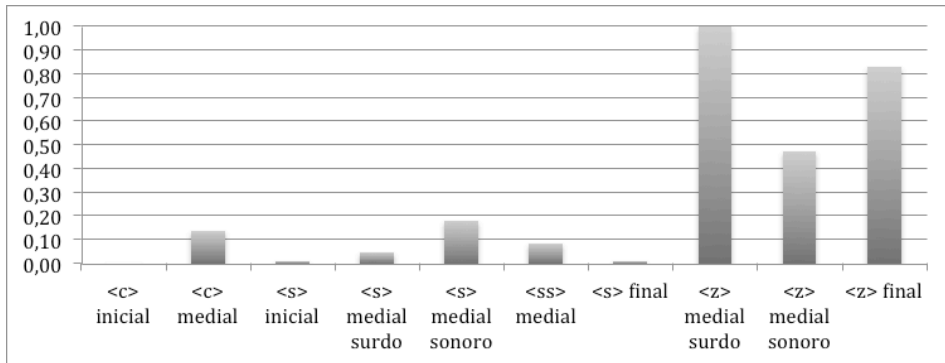


Gráfico 2 – Percentual de oscilação de grafemas sibilantes na 2.^a versão da Notícia Sexta Prática



Os dois gráficos demonstram claramente a diferença de um punho para outro, para as escolhas grafemáticas possíveis. As soluções gráficas para representar sibilantes levaram a caminhos de escrita diferentes, mesmo se tratando de cópias, isto é, tendo supostamente apenas um modelo a ser seguido. Buscando pelos contextos de uso de cada grafema relacionado à representação gráfica de sibilantes e de casos que se distanciavam do estado de língua predominante no *corpus*, chegou-se a um conjunto de diferenças representacionais, que possibilitou a composição de um quadro pelo qual se podem identificar determinadas tendências dos copistas, por meio de soluções gráficas de cada punho.

O escriba da primeira versão da Notícia Sexta Prática apresenta 20% de vocábulos com oscilação gráfica; enquanto o da segunda, 9%. Grande parte das ocorrências refere-se ao uso alternado entre os grafemas <s> e <z>, provavelmente em razão da forma e do *ductus* que apresentam, bem semelhantes entre si, o que pode justificar sua utilização equivalente. Do ponto de vista do copista e do editor, esse uso alternado pode provocar confusão não só na leitura, mas, no caso do copista, no ato de efetuar o registro gráfico. O uso de <c> em meio de palavra também apresenta oscilações. Nesse contexto, a segunda versão da notícia apresenta maior percentual, 14%, frente aos 8% da primeira. A alternância entre <s> e <c> apresenta-se semelhante nos dois manuscritos, 4% na primeira e 5% na segunda.

Quanto às cartas, por meio dos gráficos abaixo é possível observar a distribuição de grafemas oscilantes utilizados na representação das sibilantes nas duas versões do documento. Os dados se distanciam um pouco do estado de língua identificado nas versões da notícia. Embora escritas do mesmo punho, também apresentam diferenças gráficas, principalmente no uso de <c> e <s> em posição medial. As diferenças entre as duas versões refletem também alternâncias quanto ao uso de <z> final, <s> medial, <s> inicial, <z> medial e <s> final. Na segunda versão aparece oscilação de <z> no lugar de <s>, por exemplo, <s> no contexto de <ss> e <c> e casos alternados de <z> e <s>.

Gráfico 3 – Percentual de oscilação de grafemas sibilantes na 1.^a versão da carta a D. João V

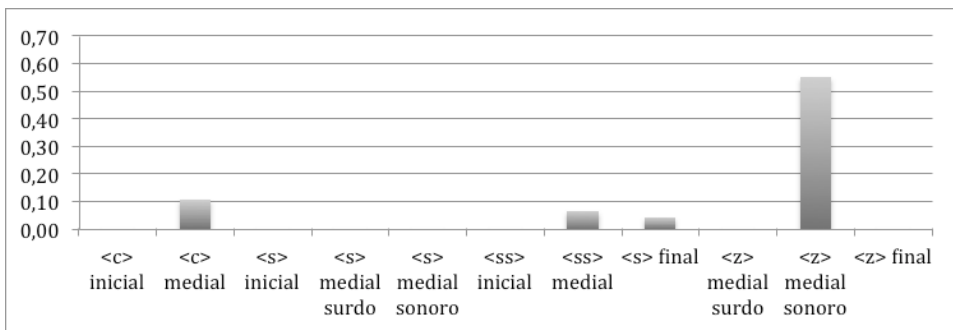
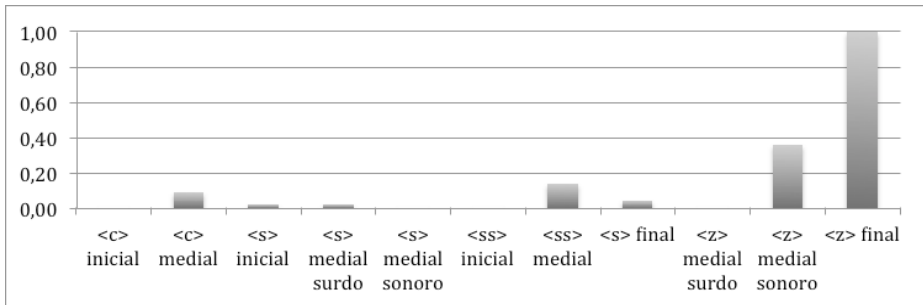


Gráfico 4 – Percentual de oscilação de grafemas sibilantes na 2.^a versão da carta a D. João V



De uma versão para outra, as cartas apresentam diferenças no registro dos grafemas sibilantes. Por um lado, observa-se a diminuição de casos oscilantes com <c> e <z> mediais e <s> final; por outro, aumento de casos com <s> inicial, <s> e <ss> mediais. Levando em conta o tipo de ocorrência, por exemplo, <s> por <z>, <z> por <s>, <s> por <c>, <c> por <s>, <ss> por <s>, <ss> por <c> e <s> por <ss>, verifica-se que, em posição medial sonora, na prática de escrita do secretário Rebello para solucionar hesitações gráficas, predomina a escolha pelo grafema <z>; na mesma localização, mas em contexto surdo, o predomínio é por <c>. Nota-se também que <ss> é utilizado por <s>, mas não o contrário, nem <ss> por <c>. Essas tendências podem ser observadas nas duas versões da carta.

Comparando o comportamento gráfico do secretário com o identificado nas duas versões da Notícia Sexta Prática, é possível distinguir as modificações do processo de cópia, derivadas do conhecimento linguístico do copista e do seu respeito, ou não, ao documento que serviu de base para o seu trabalho. Alternâncias não encontradas nas cartas aparecem nas notícias e com bastante frequência, como o uso de <s> e <ss>. De modo geral, observa-se o aumento de casos oscilantes com determinados grafemas, no caso o uso de <s> e <z> mediais e <ss> inicial. Para ilustrar alguns desses fatos, seguem imagens retiradas dos documentos em questão.

Quadro 4 – Exemplos de vocábulos retirados do *corpus*

Notícia Sexta Prática 1. ^a versão		Notícia Sexta Prática 2. ^a versão		Cartas a D. João V	
	rossas		paçado		pus
	prosequio		eztã		puzeraõ
	achacem		mosso		Suspensão
	sima		Sima		maiz

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da comparação dos dados coletados nas cartas atribuídas ao governador e capitão general Rodrigo Cesar de Menezes e das versões da Notícia Sexta Prática, identificaram-se as diferenças entre os dois momentos da produção material do secretário Gervasio Leyte de Rebello e o resultado do processo de cópia dos escribas inominados, como a escrita se apresenta em cada testemunho, isto é, suas particularidades gráficas.

O breve levantamento do uso de grafemas na representação das sibilantes possibilitou a identificação de familiaridades na escrita ou, no caso das cópias, o distanciamento oriundo desse processo, distinguindo as modificações do processo de reprodução, derivadas do conhecimento linguístico do copista e do seu respeito ao

documento que serviu de base para o seu trabalho. Com o resultado do cotejo, comprova-se o fato de que cada documento deve ser analisado do ponto de vista de sua história de produção, transmissão, assim como da sua autoria material e intelectual.

Os dados analisados revelam os caminhos da escrita nas diferentes versões dos documentos estudados. No caso dos de Rebello, as soluções gráficas encontradas para fenômenos que estavam passando, ou já tinham passado, por transformações e, por isso, causavam dúvida em quem escrevia ao longo dos setecentos; no caso dos copistas, o grau de fidedignidade na realização de sua tarefa e as marcas do seu ato ao seguirem caminhos diferentes no registro gráfico, revelam características dos próprios hábitos de escrita.

REFERÊNCIAS

Bellotto HL. Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado; 2002. (Série Como Fazer, Vol. 8).

Camargo AMA, Bellotto HL. Dicionário de terminologia arquivística. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; 1996.

Cambraia CN, Cunha AG, Megale H. A Carta de Pero Vaz de Caminha. São Paulo: Humanitas; 1999. Série Diachronica, Vol. 1.

Cardeira E. Entre o português antigo e o português clássico. Lisboa: INCM; 2005.

Cardeira E. Português médio: uma fase de transição ou uma transição de fase? Diacrítica. 2010;24(1):75-96. (Série Ciências da Linguagem).

Castro I. Curso de história da língua portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta; 1991.

Castro I. Introdução à história do português. Lisboa: Colibri; 2006.

Catach N. Para uma teoria da língua escrita. São Paulo: Ática; 1996.

Coutinho, IL. Gramática Histórica. 7.^a ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; 1976.

Fachin PRM. Escreve quem sabe e assina quem pode: produção e circulação de manuscritos no Brasil colonial. Revista da ANPOLL. 2014;1(37):213-232.

Feijó JMM. Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portugueza. Lisboa Ocidental: Officina de Miguel Rodrigues; 1734.

Figueiredo MA. Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar... primeira parte. Lisboa Ocidental: Officina de Bernardo da Costa de Carvalho; 1722.

Gonçalves MF. Madureira Feijó, ortografista do século XVIII: para uma história da ortografia portuguesa. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; 1992.

Gonçalves MF. As idéias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 2003.

Lima LC. Orthographia da língua portugueza. Lisboa: Officina de Antonio Isidoro; 1736.

Marquilhas R. A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no século XVII. Lisboa: INCM; 2000.

Mattoso Camara Jr. História e estrutura da língua portuguesa. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora; 1979.

Megale H, Toledo Neto SA, Fachin PRM, *et al.* Crítica textual: análise grafemática e pesquisa lingüística. Veredas – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas. 2007;8:127-146.

Monte Carmelo L. Compendio de orthografia, com sufficientes catalogos, e novas regras para que em todas as provincias. Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo; 1767.

Nunes JN. Compêndio de gramática histórica portuguesa (fonética e morfologia). 4.^a ed. Lisboa: Livraria Clássica; 1951.

Presotti TMB. Na trilha das águas: índios e natureza na conquista colonial do centro da América do Sul, sertões e minas do Cuiabá e Mato Grosso, século XVIII (1718-1752). [Tese]. Brasília, DF: Universidade Federal de Brasília; 2008.

Said Ali M. Gramática histórica da língua portuguesa. 5.^a ed. São Paulo: Melhoramentos; 1965.

Teyssier P. História da língua portuguesa. Trad. Celso Cunha. 2.^a ed. São Paulo: Martins Fontes; 1980.

Viana ARG. Ortografia nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas. Lisboa: Viuva Tavares Cardoso; 1904.